



INSTITUTO DE HUMANIDADES

ABEL CALOMBO QUIJILA

**KIMPA VITA E O MOVIMENTO ANTONISTA:
ENTRE O RELIGIOSO E O POLÍTICO**

REDENÇÃO-CE

2019

ABEL CALOMBO QUIJILA

ORIENTADORA: Prof.^a Larissa Gabarra

KIMPA VITA E O MOVIMENTO ANTONISTA:

ENTRE O RELIGIOSO E O POLÍTICO

Projeto de Pesquisa apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB, sob a orientação da Prof.^a Larissa Gabarra

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao Nzambi pela vida e a saúde que me concedeu, em seguida, a minha gratidão para com meus pais é totalmente imensurável, por tudo que fizeram e continuam fazendo por mim até hoje porque se hoje tenho o privilégio de me formar sendo tudo a eles.

Os meus agradecimentos também vão para os meus irmãos, meu tio Marcos Lobato, primos e amigos de forma em geral que me apoiaram indiretamente e diretamente, durante a minha graduação, com palavras de confortos e coragem, que muito surtiram efeitos durante a minha caminhada estudantil. E também quero agradecer ao meu antigo professor de História da Antiguidade da Escola Superior Pedagógica do Bengo, professor Justo Muangunga, pelo apoio e ajuda no momento em que mais precisei, estendendo as suas mãos para mim, muito obrigado.

Sem esquecer, e até porque não poderia mesmo deixar de agradecer, a mulher maravilhosa que na UNILAB tive o privilégio de cruzar, a minha orientadora Prof. Dr. Larissa Gabarra, obrigado pela disponibilidade e aceitação de me orientar e por ser a pessoa atenciosa e exigente que é. Que Deus continue te dando saúde e mais disposição para os futuros orientandos.

Dedico esse meu projeto de pesquisa do bacharelado em Humanidades aos meus pais, a minha mãe Teresa Lobato Calombo e ao meu pai Joaquim Simão Quijila, por estarem sempre ao meu lado apesar das dificuldades e por serem a razão do meu viver

**KIMPA VITA E O MOVIMENTO ANTONISTA:
ENTRE O RELIGIOSO E O POLÍTICO**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB, sob a orientação da Prof.^a Larissa Gabarra como parte dos requisitos parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 29/08/2019.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Larissa Gabarra (Orientadora)

Professora na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Marcos Vinícius Santos Dias Coelho (Avaliador)

Professor na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Carlos Subuhana (Avaliador)

Professor na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

RESUMO

Este projeto de pesquisa foi pensado a partir da trajetória de vida da Kimpa Vita, por meio das narrativas a ela consagradas. Uma mulher oriunda de uma família de classe nobre que conseguiu formar um movimento messiânico, denominado Antonista com objetivos de trazer a paz no reino do Kongo. Segundo o historiador Chantal Luís da Silva (1997), naquela época, os conflitos internos entre os chefes locais entorno do poder real eram constantes. Por causa da sua influência social, ela conseguiu enfrentar o catolicismo romano e consequentemente desestabilizar o tráfico negreiro vigente no reino na virada do século XVIII. Por essa razão, o historiador americano John Thornton (1998), vai considerar esse movimento como religioso e político. Portanto, o foco da minha pesquisa é perceber como o movimento Antonista de Kimpa Vita vai causar uma instabilidade social no reino. E como vão se estabelecer essas relações com as elites locais e estrangeiras, ao ponto de ela ser considerada como uma herege. Segundo o historiador angolano Simão Soundoula (2012), Kimpa Vita foi condenada a morrer na fogueira ardente em 1706 numa praça pública.

Palavras chaves: Movimento Antonista, Catolicismo romano, Política, Religião, África central.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
1.1. Apresentação do reino do Kongo.....	9
1.2.A origem de Dona Beatriz Kimpa Vita.....	10
1.3.A possessão do Espírito do Santo António.....	11
1.4. Movimento revolucionário: entre o político e o religioso...13	
3. OBJETIVOS.....	18
3.1.1 Objetivo geral	
3.1.2 Objetivos específicos	
4. JUSTIFICATIVA	19
5. REFLEXÃO TEÓRICA.....	21
6. METODOLOGIA.....	25
7. CRONOGRAMA.....	26
8. FONTES BIBLIOGRÁFICAS.....	27

1. INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa pretendo problematizar e dialogar com alguns historiadores africanistas e, não só, até mesmo intelectuais na área da literatura e artes, partindo da ideia de como eles analisaram, representaram e interpretaram o movimento revolucionário da Kimpa Vita e o impacto que causou no reino do Kongo na virada do século XVII para o século XVIII. E também, como o mesmo movimento influenciou na desestruturação religiosa do Catolicismo romano no reino do Kongo desde o século XV e suas implicações políticas sociais.

Portanto, é impossível falar da história do reino do Kongo sem destacar a trajetória do movimento Antonista fundada pela Kimpa Vita, conforme destaca o historiador norte-americano Thornton na sua obra “The Kongoese Saint Anthony: Dona Beatriz Kimpa Vita and the Antonian Movement, 1684–1706”:

“Os anos do movimento de Dona Beatriz são alguns dos melhores documentados na história do Kongo, que por si só é provavelmente o estado mais bem descrito da África Atlântica no período...” (THORNTON, 1998, p.2).

No entanto, o acesso a essa documentação não é tão simples porque até mesmo na língua portuguesa, poucos trabalhos foram produzidos sobre o tema, seja no campo acadêmico, seja no campo da literatura e artes.

Kimpa Vita além de estar registrada em documentação europeia, também está presente na oralidade em Angola. Sendo assim, é mais uma ferramenta que fortifica essa presença, a própria tradição oral e a importância de recontar a história gloriosa do reino do Kongo para os bakongo e outros grupos étnicos de Angola da atualidade, mas também, a importância dela, o sujeito histórico para a construção da identidade nacional. Sendo angolano, que sou, é dessa forma que essa história chega a influenciar essa pesquisa.

Quando pretendemos estudar sobre as sociedades africanas, a expressão “tradição oral” é utilizada com frequência e em diferentes acepções por vários estudiosos que a ela dedicaram as suas investigações. Segundo o historiador e escritor maliano Amadou Hampaté Bâ (1982), na tradição oral existe a vertente didático-pedagógica, por causa da sua importância na transmissão dos conhecimentos de um povo, considerando que ela é a grande escola da vida.

Para Hampaté Bâ (1982), a tradição oral é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação. (BÂ, 1982, p. 183). “Na tradição africana, a fala, que tira do sagrado o seu poder criador e operativo, encontra-se em relação direta com a conservação ou com a ruptura da harmonia no homem e no mundo que o cerca” (BÂ, 1982, p. 186). E quando olhamos para tradição oral angolana, ela é também

constituída por provérbios, contos, canções, adivinhas, fábulas, poesias, danças e diversas narrativas que, ao longo de séculos, foram passando de boca em boca, tendo começado a ser fixada pela escrita ainda no século XX por autores como Óscar Ribas (1952).

Ela garante a continuação dos hábitos e costumes da ancestralidade por vários povos que compõem o mosaico cultural de Angola. Por exemplo, para o grupo bakongo em estudo, a tradição oral é de capital importância para a transmissão da filosofia grupal; as crenças nos espíritos dos antepassados, isso é indiscutível, sendo uma premissa básica para a perpetuação do seu legado.

Razão pela qual, esse trabalho não deixa de ser uma consequência dessa tradição oral. Para enriquecer a produção escrita sobre o tema, porque ainda existem poucos manuscritos que narram a história da Kimpa Vita produzidos a partir dos conhecimentos endógenos.

1.1- Apresentação do reino do Kongo

Segundo o livro História Geral de África volume IV, o historiador Jan Vansina (2010) nos apresenta de forma objetiva sobre o surgimento do reino do Kongo, no seguinte relato:

Nimi Lukeni fundou-o quando cruzou o rio, depois de deixar Bungu, no Mayombe, e foi conquistar a chefiaria ambundu de Mbanza Kongo. Ali ele “dividiu” o poder, e, em seguida, conquistadores e nativos se misturaram, “os nobres com os nobres, a gente comum com a gente comum. (VANSINA,2010, p.648 e 689) ¹

Norteando-se ao pensamento do historiador africano Jan Vansina (2010), o reino do Kongo se emerge como um reino centralizado com a visão imperialista do rei Nimi Lukeni sobre os outros territórios.

Ainda segundo o historiador Jan Vansina (2010) as principais rotas comerciais levavam à capital: de Luanda lhe vinham os nzimbu²; do baixo Zaire chegavam o sal marinho e outros produtos locais (peixes, cerâmicas, cestos); do lago Malebo provinham a rafia e outros artigos da região, especialmente cerâmicas; uma quarta rota servia ao transporte de cobre do Mbamba, e talvez de cobre e chumbo obtidos ao norte das cataratas do rio; finalmente, outra estrada trazia artigos de Matamba (VANSINA, 2010, p.652).

Para a historiadora Larissa Gabarra (2009), o recorte temporal da grande influência do reino do Kongo na região da África central seja mais fortalecido, ou mais fragmentado é desde o século XIII até o século XVIII. Na visão do historiador Chantal Luís da Silva (1997), no século XV, o Reino do Kongo não se localizava onde hoje é o Congo que conhecemos,

¹ História Geral da África vol.IV- África do século XII ao XVI

² Era uma concha que circulava como uma moeda valiosa naquela região.

referenciado na cidade de Mbanza Kongo, no norte de Angola, pois a sua superfície se estendia dessa região até o que hoje conhece-se como sul do Gabão. Um pouco mais ao sul do Kongo estava o reino de Ndongo, que intitulava seu rei como Ngola, por isso a região foi denominada pelos europeus de Angola. Luanda, capital de Angola atual estava localizada nessa área e foi nesse ponto onde os portugueses fizeram sua primeira grande fortaleza e mantiveram sua influência durante os cinco séculos de tráfico. Pode-se dizer que o Ndongo de certa forma servia vassalagem para o Kongo apesar de manter sua independência.

O reino do Kongo era constituído por aproximadamente nove províncias, mas gostaria de destacar, Soyo, Nsudi, Mpemba, Mbamba e Mbata que eram as principais províncias. A província do Mpemba era a província política, onde era tomada todas as decisões políticas do reino. No entanto sua capital era no interior, o que deu a província de Soyo, no litoral, com inúmeros centros de embarques para o Atlântico que acabou se tornando a província mais importante economicamente e conseqüentemente a província sede do reino, após o contato com os portugueses no ano 1482, quando desembarcaram na foz do rio Zaire (Soyo).

Segundo John Thornton (THORNTON, 1998), a província de Kibangu era considerado o local de reverência religiosa, porque, nesta província tinha a nascente de cinco rios que fluíam da montanha e percorriam o caminho em todas as direções.

1.2.A origem de Dona Beatriz Kimpa Vita

Segundo a tradição cultural bakongo, Kimpa Vita representa uma das histórias mais marcante desse povo, porque segundo alguns relatos afirmam que o seu nascimento já fora profetizado há milhares de anos e que ela seria a mulher que libertaria e unificaria o reino do Kongo de uma crise social e religiosa (Portal do Uíge e da cultura Kongo,2016³).

Portanto, para o cineasta José Mena Abrantes (2009), Kimpa Vita, nasceu em 1684 de uma família nobre bakongo, às margens do rio Mbidizi no extremo leste do reino de Kongo e batizada com nome de Dona Beatriz, que fora sacerdotisa do culto de Marinda ⁴embora tenha sido educada no catolicismo.

Para Thornton, Kimpa Vita nasce num período de guerras em Kibangu, no período do seu nascimento de fato foi marcado por muitas turbulências armadas. Nessas turbulências, destaca-se a batalha de Ambuila, que veio a enfraquecer o reino. Como destaca o professor historiador do Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED) do Uíge Mbala Lussunzi, a

³ Por falta de poucas fontes em português que retratam sobre a narrativa da Kimpa Vita, usei essa revista.

⁴ Culto aos ancestrais do reino do Kongo

batalha de Ambuila foi uma disputa das forças militares lideradas pelo capitão português Luís Lopes de Sequeira e as do rei do Kongo D. António Vita-a-Nkanga pelo controlo das minas de cobre na região do Bembe, em 1665. E teve como implicações o fim da independência política do Reino do Kongo (FORTUNATO, Silvino e PAULO, Nicodemos, Jornal de Angola, Sapo,2019). Após a derrota dos soldados do rei na batalha do Ambuila, o reino do Kongo passou a ser controlado politicamente pelos portugueses e essa derrota trouxe enfraquecimento no reino.

Segundo o historiador norte-americano John Thornton, Kimpa Vita foi o nome escolhido pelos pais e Vita era o nome de seu pai, que foi também dado para ela (THORNTON,1998, p.18), como um símbolo para a continuidade da tradição paterna. Kimpa Vita, por ser educada no âmbito da nobreza do reino, foi uma menina que cresceu num período marcado por muitas tensões políticas e guerras, e ouvia e aprendia sobre a vida política do reino. Sabia sobre os meandros da política complexa do Kongo, quando as notícias eram discutidas e os boatos eram divulgados (THORNTON, 1998, p.21). A nobreza lhe ensinou a ser instruída e preocupada com o desenrolar da vida política e social do reino, que enfrentava momentos difíceis naquela época. No percorrer de sua trajetória de vida, sabe-se que ela conseguiu ser uma pessoa, durante a sua juventude, respeitada entre os nobres do reino.

Kimpa Vita, batizada como Ana Beatriz, foi uma mulher de classe nobre e sobrinha de Pedro IV, um dos reis do Kongo, e durante a sua trajetória se tornou uma líder carismática do movimento revolucionário religioso e político denominado como antonista, que causou instabilidade político social no reino do Kongo durante o século XVII à XVIII, mas antes de se tornar a líder do mesmo movimento, primeiro ela passou por um processo de encarnação com o espírito do Santo António.

1. 3. A possessão do Espírito do Santo António.

Henriques Abranches (1996), apresenta-nos uma narrativa no seu romance sobre Kimpa Vita, “Misericórdia para o reino do Kongo”, uma discussão dela com um padre a respeito da encarnação do espírito do Santo António sobre ela. Segundo o autor da obra, nesse diálogo, o padre dizia que ela estava possuída por um espírito demoníaco. Mas Kimpa Vita respondia-lhe dizendo que as cruces e crucifixos também eram símbolos de feitiços criados para encadear o povo e levá-lo a obediência. O diálogo entre os dois prossegue da seguinte maneira:

“O padre, pergunta para ela, se tu és mesmo uma mulher, criatura, como ser igualmente Santo António? A Kimpa Vita, respondeu-lhe dizendo que o Santo António foi enviado para às terras de Kongo, primeira desceu a uma mulher que vive no Nzetu e que se chama Úrsula mas

a sua aldeia não o quis hospedar e o Santo António partiu e foi para o Soyo e entrou por momentos no corpo de um jovem chefe e guerreiro filho de reis mas o missionário capuchinho local quis dar a bastonada e o Santo fugiu e por fim, o Santo viajou até em Bula concretamente no monte (Kibangu ou Nzetu) e encontrou a Kimpa Vita, e o Santo se instalou nela com objetivos para ela pregar a verdadeira fé e a salvação do reino do Kongo das presas afiadas dos seus Mwatas. E segundo o relato, a Kimpa Vita adoeceu após a presença do Santo sobre ela” (ABRANCHES, 1996, p.136).

John Thornton (1998) nos traz uma narrativa semelhante aos outros autores, como se deu essa encarnação do Espírito do Santo António sobre ela. Para ele, Kimpa Vita foi possuída pelo Espírito do Santo António, em agosto de 1704, ela apenas estava com vinte anos de idade, por meio de uma visão:

Eu sou Santo António, filho primogénito da fé e de São Francisco, a quem fui enviado de Deus à vossa cabeça para pregar ao povo. Você deve mover a restauração do Reino do Kongo para frente, e você deve dizer a todos que o ameaçam que terríveis punições de Deus os esperam. (THORNTON, 1998, p.10)⁵

Quando aconteceu essa visão Kimpa Vita se encontrava-se gravemente doente em cima de sua cama. Durante sete dias ela esteve doente. (...) ela sabia que agora estava morrendo, (THORNTON, 1998, p.10 e 11).

Após a possessão, a vida da Dona Beatriz tornou-se diferente e os seus interesses com relação à política se fortaleceram, Kimpa Vita passou a interessar-se mais com os problemas do povo e daí surgiu a necessidade de fundar um movimento revolucionário que serviu como resistências às crenças religiosas Católica Romana vigente no reino do Kongo.

Dona Beatriz exigiria, então, a restauração do Reino com o seu famoso grito de Yari, Yari ou kiadi (em português misericórdia) e dotou-se dos meios para o seu projeto, liderando o movimento dos Antoninos, do nome de Santo António (Santo da Fertilidade e da Abundância), reencarnando nela (SOUNDUOLA, *Jornal angolano de letras e artes*, 2012).

É notório nessa narrativa sobre a possessão do Santo, que Santo António só passa pelas províncias e localidades importantes na dinâmica do reino em relação ao tráfico negreiro, Soyo por exemplo, é o foco maior do tráfico.

⁵ THORNTON, John K. *The Kongolese Saint Anthony: Dona Beatriz Kimpa Vita and the Antonian Movement, 1684–1706*. Cambridge University Press, 1998.

Para entender melhor a relação da encarnação do Santo Antônio em Kimpa Vita é preciso pensar no conceito de hibridismo. A mestrandia Leila Lima de Sousa, que trabalha com o processo de hibridação cultural, ao citar Canclini (CANCLINI, 2011, p.284, apud. SOUSA, 2012, p.2), apresenta o processo de hibridação a partir da cultura indígena⁶, classificada como popular, e a cultura de uma elite, classificada como erudita.

A autora explica que a hibridação foi a garantia da sobrevivência da cultura indígena por meio de um processo de modernização da cultura de elite. O hibridismo cultural, baseado na autora, traz consigo a ruptura da ideia de pureza. É uma prática multicultural, possibilitada pelo encontro de diferentes culturas.

Portanto, no reino do Kongo apesar de existir o choque de culturas entre os europeus e os povos nativos (encontrados), notou-se que o povo não quis perder as suas raízes ou crenças tradicionais por causa da religião Católica. Por isso por meio das suas crenças tradicionais romperam com o Catolicismo europeu fundando alguns movimentos religiosos para combaterem com a religião imposta por eles, criando seus próprios dogmas.

O movimento religioso proposto pela Kimpa Vita pode ser pensado como híbrido, pois fez uma releitura do catolicismo ao mesmo tempo que inseriu elementos das religiões locais nos rituais católicos. Esse movimento conseguiu influenciar uma grande massa, que na concepção do autor cineasta José Mena Abrantes (2009), provocou instabilidade nesse período na própria dinâmica do tráfico negreiro atlântico.

Assim, numa visão mais ampla, para a historiadora Marina Melo e Souza (THORNTON, 2004, apud. SOUZA, 2002, p.4), defende que a religião desenvolvida durante os primeiros duzentos anos no Kongo, foi um catolicismo africano. Pois, se os portugueses viam na fé da população no crucifixo o reflexo da sua religião, na verdade, para os congoleses ela era uma nova forma de lidar com os velhos conceitos tradicionais.

O interessante da história de Kimpa Vita é que a própria história do reino do Kongo hoje ganha mais protagonismo incluindo-a, como uma líder de um movimento revolucionário que lutou contra o Catolicismo e a favor da restauração do reino que enfrentava momentos de tensões políticas. Após as independências africanas fez-se urgente encontrar heróis nacionais para reescrever a história africana e personagens como ela são de grande valor nesse âmbito.

1.4. Movimento revolucionário: entre o político e o religioso.

⁶ (Povo primitivo, exótico e sedentário)

Desde o início da formação do reino aproximadamente no século XIII e XIV, as religiosidades envoltas pelas ancestralidades faziam partes das crenças da população bakongo:

“[...] Muito antes de os marinheiros portugueses terem entregue os primeiros sacerdotes cristãos no Kongo em 1491, os bakongo acreditavam que, quando as pessoas morriam, não iam para um submundo distante ou para o céu.”
(THORNTON,1998, p.29)

Portanto, conforme o texto de Thornton descreve, podemos perceber que os portugueses encontraram um grande impasse na expansão do Catolicismo no seio reino do Kongo, porque a população já professava as crenças aos seus ancestrais. Foi precisamente com a influência do rei Kongo que o Catolicismo fora legitimado no reino e inicialmente a nobreza foi obrigada a seguir a religião do Vaticano.

Segundo o historiador Chantal Luís da Silva (1997), o reino do Kongo era muito favorável ao cristianismo porque os reis locais viam na religião cristã algumas vantagens políticas para os seus interesses em relação ao tráfico negreiro e o poder econômico que trazia para o campo político. Um dos motivos apontados pelo mesmo historiador Chantal (1997) diz respeito a possessão de armas, porque os portugueses possuíam as armas que lhe facilitava, caso o reino entrasse num conflito interno, a vitória contra o opositor, até mesmo em caso de escolha de seu soberano. O candidato ao reinado que se convertesse ao cristianismo tinha mais ferramentas que lhe garantisse mais eficácia na luta contra seu adversário. Isso fez com que o cristianismo fosse bem aceito no reino do Kongo. Contudo, o cristianismo só teve a aceitação por parte da população dois séculos depois da chega dos portugueses.

É nesse contexto, que Thornton, considera o movimento revolucionário liderado pela Dona Beatriz Kimpa Vita, pois além de ser religioso, é político. Para além de ser um movimento que tinha como objetivo denunciar o catolicismo dos capuchinhos na região, se propunha a acabar com a guerra civil constante no reino e reestabelecer o poder forte centralizado rompido pelas relações comerciais do tráfico e da Igreja. Novas possibilidades simbólicas de poder, como a cruz e a narrativa bíblica, fizeram parte do movimento, mas reinterpretadas, ganhando outros signos como a possessão de Santo António. Os momentos de possessões eram preenchidos com profecias que conquistaram muitos adeptos e influenciaram a política local da região de Mbamza Kongo, no Kibangu, conseqüentemente trouxe preocupações para Soyo, onde o poder político (incluindo os representantes da Igreja Católica) do reino se concentrou após um século de tráfico negreiro. Por isso é que, os portugueses perseguiram arduamente o movimento revolucionário.

Portanto, o povo bakongo, circunscrito nas áreas do tráfico negreiro e das influencias de nobres voltados para esse comércio, estavam sujeitos ao Catolicismo, e com isso, eram

obrigados a acatar as ordens religiosas da igreja católica. Nesse período o Tribunal da Santa Inquisição perseguia e designava como herege aqueles que ensinassem ou praticassem bruxaria. Segundo Thainam (2011), a Inquisição apenas servia em Portugal, mas posteriormente levaram-na à colônias e portos e fortalezas africanas para punirem os escravizados, ou africanos que praticassem as religiosidades tradicionais atingindo algum português.

Para o historiador Chantal (1997), quando os Portugueses chegaram, nos finais do século XV, três sobas⁷ estavam em guerra, expressando uma situação de disputas políticas, que para o autor, eram frequentes no reino do Kongo e chegavam a causar instabilidade no cenário político centralizado. Já em 1491, o autor entende que a conversão ao Cristianismo do rei Kongo, que se tornou João I, foi consequência desse clima de instabilidade, que o levou a pedir apoio militar dos Portugueses.

Com a conversão do primeiro manikongo Nzinga-a-Nkuvu em João I (após o batismo), o poder político se concentrou nele (Souza, 2005). O novo nome aportuguesado pode ser visto como um símbolo das novas alianças, que levaram a vários apoios políticos externos e a possessão de armas mais sofisticadas para se proteger caso fosse atacado pelos seus inimigos. A sua conversão e de sua corte é repleto de misticismos como a revelação através de sonhos e a identificação dos símbolos católicos na região, como uma pedra em formato cruciforme, encontrada por um dos membros da corte.

Entretanto, com a legitimação do Catolicismo no reino se deu com o D. Afonso I (neto de João I). Foi com a sua conversão que a fé católica expandiu no reino. Na verdade, o catolicismo chega no povo com mais amplitude depois do movimento Antonista e talvez por via dele. O próprio movimento, à medida que é híbrido; e, portanto, traz junto aos símbolos católicos elementos importantes da fé tradicional tenha contribuído para expandir o catolicismo entre a população⁸.

Portanto, para o historiador Oliveira Robison (2013), a religião católica tornou-se um elemento legitimador do poder político junto ao tráfico negreiro, influenciado desde o soberano

⁷ O autor Chantal se utiliza da palavra soba para designar os chefes locais. Naquele período a melhor palavra para designar esses chefes é Mwata ou Mfumu, que são originárias da própria língua kikongo. Soba é uma denominação para esses chefes utilizada no século XIX e XX. Sobas são líderes tradicionais em Angola que velam pela ordem social nas aldeias, normalmente são eleitos segundo as linhagens e são sempre vistos como o ancião, conselheiro e solucionador das intrigas nas aldeias.

⁸ A religião no reino do Kongo carrega a cruz como símbolo máximo do Kalunga. O Kalunga é a linha divisória entre o mundo dos vivos e o mundo dos ancestrais, representa a linha horizontal da cruz. A linha vertical em cruz com a horizontal divide em quatro o ciclo da vida: infância, juventude, adulto, idoso. Os idosos e crianças estão mais perto do mundo dos ancestrais. *“PENSAMENTO DIASPÓRICO E O “SER” EM GINGA: DESLOCAMENTOS PARA UMA FILOSOFIA DA CAPOEIRA”*. Luiz Rufino¹; Cinézio Feliciano Peçanha (Mestre Cobra Mansa)² e Eduardo Oliveira³

D. Afonso I, que teve um papel importante na propagação do catolicismo no reino Kongo, e assim criava um discurso de escravizar os povos chamados infiéis. (ROBISON, 2013, p.32).

No entanto de 1491 a 1700, essa interferência externa católica e portuguesa foi corrompendo as estruturas políticas, religiosas e econômica do reino. Assim, Kimpa Vita liderou o movimento Antonista com intenções de recuperar a estabilidade do maniKongo, procurando minimizar o controle português no comércio Atlântico, diminuir a influência católica nessa dinâmica, parar com a guerra civil em que o reino estava mergulhado desde da metade do século XVII.

Concordamos com o historiador John Thornton, que o movimento não era somente religioso, mas era também político, porque foi um movimento, de certa forma, contra o comércio do tráfico negreiro, já que denunciava diretamente a ação dos capuchinhos nessa dinâmica (THORNTON, 1998, p.1). Ele não apelava somente para a reunificação do reino como também defendia um cristianismo mais africano, Kimpa Vita, dizia que Cristo nascera em São Salvador, a verdadeira Belém, e recebera o batismo em Nsundi, a verdadeira Nazaré. Continuava ainda, afirmando que Maria era negra, filha de uma escrava ou criada do Marquês⁹ de Nzimba Npanghi e que São Francisco pertencia ao clã do Marquês de Vunda (ABRANTES, 2009, p.147 e 148). O movimento Antonista também pode ser visto como um movimento popular com vários objetivos e um deles era por intermédio da denúncia contra os capuchinhos, travar o tráfico de escravos na África.

Para o historiador angolano Soundoula (2012), a terra do Kongo enfrentava rivalidades políticas internas permanentes, fome, epidemia, etc. (SOUNDOULA, Jornal de Angola, 2012). Com a crise política e a constante guerra civil, além as ações dos próprios capuchinhos que tinham um discurso religioso, mas estavam implicados diretamente na dinâmica do tráfico negreiro, o povo sentia os perigos dessa dinâmica. A dinâmica Atlântica que o reino estava imbricado os colocava em risco de escravização, clamar por uma libertadora era fácil de fazer, desde que essa figura política trouxesse um pouco de esperança para a estabilidade social local.

Para o historiador Adriano Damião Kilala, Kimpa Vita surgiu num período de profundo caos nas estruturas do reino do Kongo devidos aos intensos conflitos internos entre os nobres simpatizantes com a ocidentalização do reino e aqueles defensores de instituições tradicionais, coisas essas que influenciaram profundamente na instabilidade social do reino (KILALA, 2016, pag.37).

⁹ Marquês foi uma denominação trazidas pelos portugueses e que foi distribuída entre os chefes locais conforme interpretação da função social do chefe nessa sociedade, entendida pelos portugueses. Mfumu poderia ser uma das palavras utilizadas por eles mesmos em alguns desses casos.

Mediante a esses problemas que assolavam e aterrorizavam a população do reino do Kongo, surge a Kimpa Vita que vai influenciar uma massa popular e criar um movimento revolucionário “Antonista” que vai procurar restaurar o reino.

“à fé católica foi utilizada pelo ntotila para expandir o seu domínio sobre os povos Kongo. O catolicismo além de garantir e alastrar as relações que as autoridades do Kongo tinham com as potências europeias[...]”. (OLIVEIRA, 2013, p.31)

Foi neste contexto crítico que Kimpa Vita surge como uma mulher revolucionária. Com a formação do movimento, as pessoas viam a pessoa de Kimpa Vita como uma libertadora do povo e com esperança de solucionar vários problemas que o reino enfrentava. Foi por essa razão que, em pouco tempo, ela conseguiu ter uma grande popularidade dentro do reino, que causou medo e desconfiança por parte da classe nobre e dos líderes religiosos que a viam como uma adversária forte.

Com toda popularidade que a Kimpa Vita conseguiu ganhar no reino do Kongo, os comerciantes, militares e até mesmo padres, que se sentiam totalmente incomodados e até mesmo com desconfiança dela. Para os nobres envolvidos com o tráfico, ela fomentava instabilidade no reino; para os comerciantes, ela estragava com o negócio de tráfico de escravo, à medida que criticava a corrupção. Para os militares, as pessoas que a seguiam a Kimpa Vita, “só serviam mesmo para receberem ordens e fazerem trabalhos de bestas para a classe dominante” e já para os capuchinhos, Kimpa Vita era uma herege, pois afirmava estar possuída pelo espírito do Santo Antônio (ABRANTES, Mendes,2009, p.40). Henriques Abrantes resume a situação: ela passou a ser uma ameaça para o regime de poder do comércio Atlântico e da Igreja Católica, porque naquela época o reino do Kongo era um ponto muito estratégico para os portugueses no que concerne o tráfico de escravos. Assim, o movimento vai ser duramente reprimido pelas autoridades religiosas e políticas do reino dirigido e influenciado pelos capuchinhos, representantes da coroa portuguesa e do vaticano.

O historiador John Thornton (1998) ainda enfatiza que o movimento por ser violentamente reprimido pelas autoridades religiosas e políticas do reino, levou os fiéis a recorrer as montanhas de Kibangu para viverem ao lado da sua líder. Para Kimpa Vita, o monte Kibangu era um lugar de paz, visto que a montanha se encontra na sua cidade natal. Por essa razão, ela gostava muito de se refugiar para lá com os seus seguidores. Kibangu ao norte do Soyo, ainda na foz do rio, ao abrigar o movimento, acabava atrapalhando o tráfico negreiro.

Depois de várias tentativas de captura da líder e findar o movimento, Kimpa Vita foi encontrada pelos capuchinhos e julgada como uma herege e por fim, queimada na fogueira numa praça pública.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo geral

- Compreender o envolvimento religioso do movimento Antonista relacionando o com os aspectos sociais e políticos que esse movimento de massa tomou na virada do século XVII para XVIII.

3.2. Objetivos específicos

- Contribuir com a divulgação da história da Kimpa Vita, quer na academia, quer na sociedade angolana;

- Enriquecer a produção historiográfica sobre a trajetória de vida da Kimpa Vita em simultâneo com o seu movimento revolucionário Antonista do século XVII.

- Compreender a representação da Kimpa Vita e o movimento antonista como uma resistência na historiografia angolana.

4. JUSTIFICATIVA

O que me motivou a pesquisar sobre o movimento revolucionário religioso Antonista fundada por Kimpa Vita, foi porque na sociedade angolana pouco se fala do seu protagonismo, trajetória e história de resistência, principalmente, no que concerne a religião. Infelizmente, até mesmo na historiografia e nos manuais de ensino do Ministério da Educação de Angola, a Kimpa Vita é pouco abordada.

Essa falta de informação sobre o movimento Antonista é notado também entre autores da língua portuguesa. Existem poucos materiais escritos que abordam a história do período, seja no Brasil, ou Angola, ou Portugal.

No Brasil apesar de ter uma produção visível sobre o reino do Kongo e a religião católica nessa região da África central, muito pouco fala-se sobre o movimento Antonista, tanto no meio acadêmico, como nos livros paradidáticos e didáticos. O livro paradidático de Marina Melo e Souza especialista no tema do catolicismo do reino do Kongo, as referências feitas sobre o reino não passam pela história de Kimpa Vita, e sim sobre a rainha Nzinga Mbandi. Essa preferência a história de Nzinga se repete na historiografia brasileira, angolana e em manuais escolares angolanos.

Penso que o fator religioso do cristianismo africano, as consequências dessa cosmovisão para um mundo hegemônico por ordens ocidentais, seja no período colonial, ou hoje no pós-independência, influenciou muito na tentativa de apagamento da divulgação da sua história.

Ao consultar os manuais de ensino de História do 2º ciclo de Angola, analisando os e comparando os, percebe-se que até mesmo os livros da 10ª classe, 11ª classe e 12ª classe, não retratam a história da Kimpa Vita e nem tão pouco da rainha Nzinga.

Portanto, até mesmo os historiadores angolanos, pouco se interessam em pesquisar sobre a Kimpa Vita, a prova disso são as carências de materiais didáticos e paradidáticos no sistema de ensino em Angola, que retratam sobre a sua história.

Em outras produções que consultei como o livro paradidático da historiadora brasileira Luzia Leites e um manual da UNESCO¹⁰, a história da rainha Nzinga é retratada em formas de gravuras, mas da Kimpa Vita não é nem retratada por uma narrativa escrita.

Portanto, quando olhamos para historiografia angolana e brasileira, vamos perceber que ela enfatiza mais a rainha Nzinga Mbandi pela sua carreira e trajetória política. Talvez, a razão

¹⁰ <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000230931>. Masioni, Pat [7], Serbin, Sylvia [14], Joubaud, Edward [11], Balducci, Adriana [4]. Acessado 5/01/2019

da tentativa desse silenciamento sobre a vida e a obra da Kimpa Vita, está voltada pelo facto de sua história estar em torno da religião que mexeu com o Catolicismo vigente na altura no reino do Kongo no século XVII e XVIII, mas que também tem implicações na construção de uma ideia de nação hoje.

Com esse é um projeto inicial para conhecer melhor o movimento Antonista não vou aprofundar essa hipótese de pesquisa, mas pretendo enriquecer a produção sobre o tema.

Segundo a revista Super Interessante¹¹, Nzinga Mbandi é representada como “o maior símbolo da resistência africana à colonização[...]. Rainha do Ndongo, atual Angola, Nzinga Mbandi (1582-1663) entrou para a história como combatente destemida, exímia estrategista militar e diplomata astuciosa”, mas Kimpa Vita não é mencionada e é uma mulher da geração seguinte de Nzinga.

Para os historiadores brasileiros, na obra sobre Estudos africanos, organizado por Ribeiro e Gebara, Nzinga Mbandi emergiu num período de bastante tensões políticas e ambições para a sucessão ao reinado, no reino do Ndongo:

Ngola Mbandi morreu em Kindonga, em 1624, causando uma crise sucessória no Ndongo, já que deixara um único filho, rapaz menor de idade; mesmo sob a tutela do jaga CazaCangola, esse herdeiro foi morto por Nzinga, que tomou as insígnias reais e se declarou senhora do Ndongo (RIBEIRO e GEBARA, p.244)

Após esses acontecimentos, Nzinga Mbandi se tornou a rainha do reino, se tornando a mulher mais temida daquela região, porque procurou travar o tráfico negreiro com os portugueses no seu reino, destacando-se de forma proativa na vida política e militar.

Hoje Nzinga Mbandi é reconhecida como um símbolo de resistência nacional em Angola, e sem esquecer que é através dessa maior divulgação sobre a sua história, que lhe fez se tornar uma das figuras mais emblemáticas do país.

As duas poderiam ser lembradas ao mesmo tempo partindo das suas trajetórias como mulheres, pela resistência ao catolicismo, ao tráfico negreiro, mas apenas Nzinga é reverenciada. Quando olhamos para historiografia brasileira foi Selma Pantoja que mais a estudou e difundiu a história da rainha Nzinga. Só para enfatizar que existiu um congresso na Itália XXX somente sobre Nzinga. Isso é para comparar a difusão da imagem de Nzinga ao contrário de Kimpa Vita.

Portanto, com essa pesquisa pretendo contribuir com a divulgação da história da Kimpa Vita na língua portuguesa e quiçá a partir do meio acadêmico que me encontro chegar a atingir a produção de manuais didáticos do ensino básico de Angola, para que mais pessoas tenha acesso também à história de mais uma heroína nacional e o seu movimento Antonista.

¹¹ Uso do blogg apenas como uma referência.

5. REFLEXÃO TEÓRICA

O período do século XVII foi marcado pelas resistências dos povos africanos nos diversos lugares onde havia a dominação colonial. E foi também nesse período que o movimento Antonista estava emergindo no reino do Kongo e resistindo contra o catolicismo e o tráfico negreiro. Para entender o movimento Antonista como resistência é preciso pensar a partir da ideia de cultura.

Para o antropólogo Clifford Geertz, a cultura pode ser entendida como simbólico, visto que ela nos mostra uma realidade "superorgânica" autocontida, com forças e propósitos em si mesma (GEERTZ,1973, p.8).

Com esse conceito, percebemos que o reino do Kongo, foi um reino com uma cultura muito sólida e enraizada nas suas ancestralidades vivas que permitiram ao reino uma resistência a dominação ocidental por meio da cultura, da religião. Destaca-se, nesse sentido, a militância da líder da classe nobre Kimpa Vita com a força do seu movimento, que trouxeram uma autoafirmação no reino e ao ponto de criar uma ruptura com Catolicismo, apesar da força e o apoio que a Igreja Católica tinha entre os nobres do reino.

Para Tahinam da Cruz Santos, graduanda do curso de Licenciatura em História pela Universidade do Estado da Bahia, na Idade Média, a Igreja detinha o poder político e econômico na Europa. Porém, já haviam movimentos que queriam ser contrários a essa hegemonia. (...) Foi então que o papa Gregório IX (1221-1241), através de uma bula, estabeleceu a criação do Tribunal da Santa Inquisição (SANTOS, da Cruz Tahinam,2011, p.1).

Apesar da estrutura burocrática da Inquisição não ter chegado em África, as ideias promovidas pela Santa inquisição chegaram onde chegavam os brancos, por essa razão, essa Inquisição chegou no reino do Kongo para travar com o movimento Antonista liderado pela Kimpa Vita. No entanto, quando as práticas não católicas não atingiam os missionários, capuchinhos, comerciantes do tráfico, nenhum problema causavam e continuavam o percurso cotidiano daquelas populações.

Mas, quando essas práticas religiosas ancestrais contrariavam as crenças do Catolicismo, a Igreja Católica romana era chamada para toda espécie de julgamentos possíveis, desde deportações dos hereges para ser julgados na mesa inquisitorial e ou apenas seguindo suas diretrizes e atuando autonomamente em África. Foi por essa razão que queimavam mulheres e não só, como hereges sem ao menos terem sido registradas na mesa da inquisição, como foi o caso da Kimpa Vita.

O movimento de Dona Beatriz Kimpa Vita, após a sua expansão no reino começou a atrair muita gente, isso deixaria furioso os comerciantes, padres e políticos do reino Kongo naquela época, porque causava muita instabilidade social, atrapalhando com negócio de tráfico de escravos de muitos comerciantes.

Razão pela qual, para o historiador Chantal Luís da Silva (1997), o ambiente político entre 1704 e 1706, possibilitou a formação do movimento revolucionário Antonista. Portanto, o objetivo imediato do movimento era de estimular o *sentimento nacional*¹², ou melhor dar esperança a estabilidade social, e também recuperar Mbanza Kongo, capital do reino (batizada de São Salvador pelos portugueses), normalizando a vida política do antigo Reino do Kongo (CHANTAL,1997, p.7).

Apesar de se utilizar do termo nacional para um período que estava longe de ser estruturado em estados-nação, pode-se perceber que para o historiador Chantal Luís da Silva (1997), o movimento Antonista pretendia a reunificação do reino, reatar antigos acordos entre as diversas províncias vassaladas do reino, como a de Soyo, que estavam cada qual fazendo seus próprios acordos com os portugueses e traficantes.

Segundo Abranches, o espírito de Santo António, ensinava a palavra de Deus por meio dela para pregar a reconstrução da cidade São Salvador e a restauração do reino, como também para castigar todos os que tentassem impedi-la. Depois de todos esses acontecimentos, a Kimpa Vita, convocou os parentes do clã e contou-lhes tudo e eles acreditaram e lhe deram apoio (ABRANCHES,1996).

D. Beatriz afirmava que Santo António (um dos três Santos mais venerados no antigo reino do Congo e em Angola) lhe entrara na cabeça para pregar no Monte Kibangu. Ela foi objeto de uma verdadeira adoração. A sua doutrina, as suas “profecias” e ameaças causaram admiração. Ela pregava a restauração do Reino do Congo e dizia que “Jesus Cristo [tinha] nascido em São Salvador, que era a verdadeira Belém; que tinha sido batizado em Nsundi, que era Nazaré; e que Jesus Cristo como Nossa Senhora e São Francisco eram originários do Congo e eram negros. (CHANTAL,1997, p.7)

Para o historiador Chantal (1997) na concepção da líder do movimento D. Beatriz Kimpa Vita, considerava os missionários como diabos, e os comerciantes como instigadores de perturbações, por isso deviam ser expulsos do Kongo. Nessa perspectiva, Kimpa Vita passou a ser encarada pelos líderes religiosos como uma afronta a igreja Católica Romana, porque as suas crenças e concepções religiosas, que ela ensinava às pessoas eram uma autêntica blasfêmia para a doutrina da Igreja Católica Romana. Portanto, com esse posicionamento, Kimpa Vita se tornou um alvo a ser abatido pelos líderes religiosos e comerciantes, que se sentiam totalmente

¹² Termo utilizado pelo historiador Chantal Luís da Silva. O melhor seria reunificação do reino do Kongo.

ameaçados com o movimento Antonista que por meio das suas ideologias desafiava as estruturas ocidentais coloniais naquela época.

Mas quando olhamos na vertente da religião, o movimento Antonista ensinava que o Catolicismo romano, ensinado pelos missionários, não os representava e que o correto, nas suas percepções, seria adorar ou considerar Jesus como negro e não branco, e defender que ele nasceu no Soyo e não em Belém.

Com a crescente popularidade que ela conquistava diariamente no reino, suas ideias só influenciavam ainda mais no alto nível de fúrias por parte dos missionários capuchinhos. Para realçar que o movimento Antonista não só deixava os líderes religiosos ou os missionários enfurecidos como também os comerciantes não gostavam nada da sua atuação, porque o movimento travava a captura de escravizados, já que o movimento defendia o fortalecimento e a centralidade do governo do Kongo.

Portanto, segundo o cineasta José Mena Abrantes (2009), Kimpa Vita passou a ser uma ameaça para o regime do tráfico negreiro e para a Igreja Católica. Com todas essas repercussões, Vita se tornou o alvo principal a ser capturado e eliminada, segundo o sistema daquela época.

Todo esse cenário se desenrolou quando Kimpa Vita começou a desafiar às autoridades locais sobre as suas intenções no que concerne a emancipação das espiritualidades do Kongo e as posições de algumas autoridades locais que defendiam o Catolicismo no reino, em prol do tráfico Atlântico que na qual, também eram beneficiados. E ela mostrava em suas pregações que por esses dois fatores conjugados, o Catolicismo e comércio do tráfico negreiro, os portugueses queriam dominar o povo do bakongo.

Kimpa Vita passou a questionar vários pensamentos dos missionários, em particular. Suas ações eram vistas como desvio de conduta. Capuchinhos a serviço do Papa, como o Frade Bernardo De Gallo e a sua equipa habitante na região foram os responsáveis por sua perseguição. Após várias tentativas de capturas, Kimpa Vita foi encontrada no monte Kimbangu e levada para o interrogatório pelos missionários Capuchinhos. Além de a depreciarem pelo facto dela ser considerada grande líder espiritual Kongo, se esforçaram em debater ponto a ponto a validade das suas doutrinas e conceitos da espiritualidade Kongo.

Para o historiador angolano Simão Soundoula (2012), após vários interrogatórios, a sentença sobre ela foi tomada, e Kimpa Vita fora “condenada a morrer na fogueira como herege do catolicismo. E essa sentença foi executada em 1706 e na fogueira arderam Kimpa Vita e seu “anjo da guarda”.

Portanto na tentativa de silenciá-la, os capuchinhos aplicaram os discursos e práticas da inquisição contra a líder do movimento com a ajuda de algumas dinastias reais do Kongo e de

algumas linhagens governamentais de províncias como a de Soyo, e com isso, construíram uma imagem dela de herege.

A morte de Kimpa Vita colocou fim no movimento Antonista, dando continuidade a outros movimentos, como os messianismos negros citado por M'bokolo (2011) quando trata dos diversos tipos de resistência a colonização em África. Podemos inquerir esse tipo de movimento messiânico contra hegemônico continua até os dias de hoje, tanto em Angola como na República Democrática do Congo; é caso do Culto a Maria em Angola, liderado por Simon Toco, ou o Kimbanguismo na R.D.Congo, liderado por Simon Kimbangu. O último, para M'bokolo (2011), desempenhou um grande papel na tomada de consciências e das injustiças relativamente ao jugo colonial no antigo Congo Belga. O primeiro é trazido com toda licença poética na última página do livro "Misericórdia para o reino do Kongo" como a continuidade do movimento de resistência de massa.

6. METODOLOGIA

Para a obtenção dos resultados desta pesquisa, pretendo usar o método de pesquisa qualitativa que é muito frequente nas pesquisas das Ciências Humanas, que segundo Cecília Minayo (2012), não pode ser quantificada e analisada a partir de dados numéricos. Porque ela pretende trabalhar com o universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Assim, pretendo criar um diálogo direto com a perspectiva de Max Weber (1907) partindo do método compreensivo para perceber as conjunturas históricas. A partir desse método, a pesquisa propõe-se entrecruzar autores das ciências humanas, sejam eles historiadores, literários, teatrólogos, romancistas, ensaístas, que dedicaram o seu tempo a pesquisar sobre Kimpa Vita.

A intenção é de compreender melhor, de forma mais minuciosa as conjunturas e processos vivenciados pela Kimpa Vita. Em outro momento, quiçá, conseguir acessar a documentação da época, os relatos dos capuchinhos e viajantes que registraram os acontecimentos desse evento.

Em suma, por meio das fontes bibliográficas como livros e artigos que têm algumas proximidades de alguma forma com o tema, ou mesmo de autores que falam diretamente sobre ela e o seu movimento, procura-se interpretar o momento histórico, entendendo as especificidades da época.

8. FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ABRANCHES, Henrique. **Misericórdia para o reino do Kongo! romance**. Publicações Dom Quixote, 1996.

BÂ, Amadou Hampaté. *A tradição viva*. In: História Geral da África. Vol. I (coordenado por Joseph KI-ZERBO): Metodologia e pré-história da África. Trad. de Beatriz Turquetti et alii. São Paulo: Ática; [Paris]: Unesco, 1982, p. 181-218.

BENGUI, Pedro. *HISTÓRIA da 10ª classe*. Lda-ANGOLA, 2006.

CHANTAL, Luís da Silva. *Jogos e interesses de poder nos reinos do Congo e de Angola nos séculos XVI a XVIII*. Paris: IV-Sorbonne- Bolseira da FCT ,1997.

FAUSTINO, Silvino e NICODEMOS, Paulo. *“Ambuila” marca o fim do Reino do Kongo*. Jornal de Angola/Sapo. Terça, 09 de julho 2019.

FERNANDES, João Pedro e CAPUMBA, Pedro Almeida. *HISTÓRIA 12ª Classe*. Lda-ANGOLA, 2006.

GABARRA, Larissa. *O reino do Congo no império do Brasil: memórias do Congado em Minas Gerais, século XIX*. Tese defendida no programa de pós-graduação de História Social da Cultural no departamento de história, PUC-Rio, 2009.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

<https://super.abril.com.br/historia/rainha-nzinga-mbandi/>. STAM, Gilberto. Acessado 7/03/2019

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000230931>. Masioni, _____ Pat [7], Serbin, Sylvia [14], Joubaud, Edward [11], Balducci, Adriana [4]. Acessado 5/01/2019

KILALA, Damião Adriano. *A religião Kingunza na Angola Contemporânea*. Programa de Pós-graduação em História Mestrado Académico. São Luís/Maranhão,2016.

LOPES, Júlio Mendes e CAPUMBA, Pedro Almeida. *HISTÓRIA 11ª classe*. Lda-ANGOLA, 2006.

M'BOKOLO, Elikia. *África Negra—história e civilizações: tomo II (do século XIX aos nossos dias)*. Salvador: EDUFBA, São Paulo: casa das Áfricas, 2011.

- MENA, José Abrantes. **Kimpa Vita: A profetisa ardente**. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. *Ciência & saúde coletiva*, v. 17, p. 621-626, 2012.
- OLIVEIRA, Gonçalves Robison. **(Des) naturalizando “os nossos naturaes”: poder político e escravização no Kongo, a época de Afonso I Mwemba Nzinga (1509-1543)**. Trabalho conclusão de curso de licenciatura em História. Porto Alegre, 2013.
- OURIQUES, Mariana. **“O Universo Negro-Africano e suas peculiaridades: A Escravidão, O tráfico e o mito da rainha Nzinga Mbandi**. Resenha de PANTOJA, Selma. *Nzinga Mbandi: mulher, guerra e escravidão*. Brasília: Editora Thesaurus, 2000
- RIBAS, Óscar. **Ecos da minha terra**. Luanda: Editora Maianga, 1952.
- RIBEIRO, Alexandre Vieira e GEBARA, Alexander Lemos de Almeida. **Estudos africanos: múltiplas abordagens** /. – Niterói : Editora da UFF, 2013. – e-book. – (Coleção História).
- Site Portal Uíge e cultura Kongo: <http://wizi-kongo.com/historia-do-reino-do-kongo/kimpa-vita-a-profetisa-do-reino-do-kongo/>. Acessado 9/05/2019
- SOUNDOULA, Simão. **Novo romance histórico publicado em Paris 306º aniversário da morte de Kimpa Vita Cultura**. In: *Jornal de angolano de artes e letras*. Luanda: 9 a 22/Julho/ 2012.
- SOUSA de, Leila Lima. **O processo de hibridação cultural: prós e contras**. *Revista Temática*, Março/2012.
- SOUZA, Marina de Melo. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação do Rei Congo. Analisado pela Luana Mayer de Sousa, no seu artigo sobre Catolicismo e poder no reino do Kongo do século XVI**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.
- SOUZA, Marina Mello. **África e Brasil africano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- TAHINAM, de Santos da Cruz. **Denúncias Inquisitoriais Na África: Rituais Negros Em Congo e Angola no Século XVII**. *Anais do Anais Eletrônicos – Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais: história e historiografia*, 2011.
- THORNTON, John K. **The Kongolese Saint Anthony: Dona Beatriz Kimpa Vita and the Antonian Movement, 1684–1706**. Cambridge University Press, 1998.

VANSINA, Jan. *História geral da África, IV: África do século XII ao XVI . A África equatorial e Angola: as migrações e o surgimento dos primeiros Estados*. Editor Djibril Tamsir Niane. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO. 2010.

WEBER, Max, 1864- 1920. *A ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo*. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.